



Caderno 2

Queridinho de Llosa no Brasil

Escritor peruano Jeremías Gamboa é considerado fenômeno

Pág. C3

Dilemas. Bradley Cooper como o atirador Chris Kyle, cuja biografia inspira o filme

DIVULGAÇÃO

Feridas de guerra

Thiago Mattos

ESPECIAL PARA O ESTADO NOVA YORK

Um tanque de guerra invade a tela do cinema. Ianques camuflados avançam por uma cidade em ruínas no Iraque e na mira de um atirador de elite, está uma criança que recebe granada de uma mulher. O atirador precisa decidir se dispara ou não contra a criança. Suspense. Dedo no gatilho. Corta para um flashback.

Desde a cena de abertura de *American Sniper*, de Clint Eastwood, que tem previsão de estreia no dia 19, a constante tensão dá o tom de seu novo filme, indicado para o Oscar em seis categorias – filme, ator, roteiro adaptado, edição, edição de som e mixagem de som. Embora seja um relato de guerra, há um claro esforço para que nem todo conflito esteja no campo de batalha.

Não é a primeira incursão do cineasta por filmes de guerra. Em 2006, o diretor se voltou para a Segunda Guerra Mundial em dois longas – *A Conquista da Honra*, que fixa sua atenção no lado norte-americano do conflito, e *Cartas para Iwo Jima*, que abre espaço para a vivência e o espírito de honra dos japoneses.

Adaptado da autobiografia de Chris Kyle (interpretado por Bradley Cooper), o atirador de elite mais letal da história do exército americano, o filme explora os dilemas e danos psicológicos enfrentados pelos que vivem a guerra. Para isso, Eastwood confia especialmente na atuação de seu protagonista – que também é um

dos produtores do longa.

“Não é absolutamente um filme político. A esperança é de que as pessoas possam de alguma forma ter seus olhos abertos sobre os esforços de um soldado em oposição às especificidades da guerra”, disse o roteirista Jason Hall em entrevista coletiva em NY. “Foi um roteiro difícil de escrever. Encontrei com Chris Kyle em 2010. Bradley e eu trabalhamos com ele no primeiro script e estávamos em contato constante. Falei para ele que estava entregando o roteiro aos produtores e no dia seguinte ele foi morto.”

O herói do filme, que sobreviveu a quatro perigosas idas ao Iraque, foi ironicamente assassinado no Texas por um veterano de guerra, a quem tentava ajudar em 2013.

A equipe, que já havia começado a trabalhar no filme, contou com o apoio total e irrestrito de Taya Kyle, a viúva do militar. “Ela abriu sua vida e nós

não tivemos de criar nada com a imaginação”, afirmou Bradley Cooper, que recebeu um vasto material para compor seu personagem, de e-mails íntimos a vídeos caseiros do casal. Assim, foi possível ver como o herói de guerra se comportava. Além disso, todo o material doméstico permitiu a abordagem que vai além do drama da guerra e mergulha na esfera pessoal.

Como o estudo de um personagem, a expressiva transformação de Cooper em Chris Kyle é um dos pontos altos do filme. Assim como o entrosamento do par romântico que faz com Sienna Miller.

Ao escolher retratar o quão terrível é uma guerra, Clint Eastwood aborda um tema recorrente em seus personagens: ter de fazer o que é preciso ser feito e aguentar o peso das consequências. E o faz de modo também familiar, usando a linguagem western com a qual dialoga desde o

início de sua carreira.

Nas idas e vindas do soldado ao Iraque, há a clara caça ao inimigo, as armadilhas, a tempestade que embaça a visão e a figura do atirador da marinha rápido e preciso. Acrescente rifles, tanques e armas de guerra e temos um banguê-banguê com proporções bélicas.

Na condução da jornada do herói, que de caubói de rodeio no Texas se transforma no sniper americano mais temido do Iraque, Eastwood conta com o apoio de parceiros de longa data – a edição precisa é assinada por Joel Cox (ganhador do Oscar de edição em outro filme de Eastwood, *Os Imperdoáveis*, de 1992) e a direção de fotografia é de Tom Stern, outro colaborador assíduo do diretor.

O veterano cineasta, que completa 85 anos em dia 31 de maio, presta tributo aos veteranos de guerra de seu país. O resultado é uma história bem contada, mas ideologicamente comprometida com a causa dos que defendem vigorosamente as intervenções militares dos EUA. É só lembrar o polêmico discurso na convenção republicana de 2012, na qual o diretor conversa com uma cadeira, fingindo estar dialogando com o presidente Barack Obama. Para o bem e para o mal, é Clint Eastwood sendo Clint Eastwood.

COMPROMETIMENTO COM DEFESA DE INTERVENÇÕES DOS EUA É PROBLEMA

Michael Moore diz que atiradores são covardes

● Michael Moore, responsável por filmes como *Tiros em Columbine* (2002) e *Fahrenheit 9/11* (2004), chamou os franco-atiradores de covardes no Twitter, o que deu início a uma grande polêmica – e seu comentário foi interpretado, também, como uma crítica ao filme de Clint Eastwood. “Meu tio foi morto por um atirador durante a Segunda Guerra

Mundial. Aprendemos que atiradores são covardes, que vão atirar em você pelas costas. Atiradores não são heróis. E invasores são piores”, escreveu. Aos que trataram de associar seu comentário ao filme, sucesso de bilheteria nos Estados Unidos, ele respondeu pelo Facebook: “Se queriam saber minha opinião sobre *Sniper Americano* por que não me perguntaram? Impressionante performance de Bradley Cooper. Uma das melhores do ano. Boa edição, figurino, cabelos, maquiagem soberba. Ah, mas muito ruim que Clint confun-

da Vietnã e Iraque em sua história e que seus personagens chamem os iraquianos de “selvagens” ao longo do filme. Mas há também sentimentos antiguerre e um tocante final”. Moore escreveu também que a maioria dos americanos não considera os atiradores heróis. “Pelo menos não neste fim de semana quando lembramos daquele homem em Memphis morto por uma bala de um atirador.” Era o dia de Martin Luther King. O filme chegou a entrar em cartaz em Bagdá, mas foi retirado do único cinema em que estava sendo exibido.

ENTREVISTA

Bradley Cooper
ATOR

‘Chris Kyle queria Clint como diretor’

Além de estrelar o filme, Bradley Cooper também é um dos produtores de *American Sniper*. Em entrevista coletiva em NY, o **Estado** participou de uma conversa com o astro.

● Sua interpretação de Chris Kyle chamou a atenção por sua semelhança com ele. Como você se sentiu com o papel?

Foi uma tremenda responsabilidade, que vejo como grande oportunidade. Então, fiz tudo o que pude para fazer direito.

● Você é um dos produtores do filme. Como foi trabalhar com Clint Eastwood?

Ele é um dos maiores diretores do nosso tempo. Tanto em *Os Imperdoáveis*, como em *Cartas para Iwo Jima*, ele enfrenta muito bem a luta do personagem. Era o diretor perfeito para este filme. Além disso, o próprio Chris Kyle chegou a dizer que, se pudesse escolher quem dirigiria o filme, seria Clint.

● Você pode contar um pouco sobre o treinamento militar que fez para o filme?

Eu tinha três meses e precisava escolher com o que ficar mais confortável. Escolhi os três rifles porque o que é visto é a destreza do personagem com as armas. Por isso, foquei em como seria ser um atirador de elite, não tanto no treinamento de se tornar um Seal, o que eu amaria fazer se pudesse sobreviver a isso.

● Qual é a mensagem do filme?

Contamos a história desse homem tão carismático e dinâmico e o filme pode ajudar a cicatrizar as dores dos que passaram pelos mesmos sofrimentos que Chris Kyle. Quem não sabe nada sobre o que Chris e sua mulher enfrentaram talvez sinta empatia pela história.



● O livro Publicado nos EUA em 2013, *Sniper Americano* vendeu mais de 130 mil exemplares na semana em que o filme estreou lá. A obra acaba de ser publicada no Brasil pela Intrínseca.

**NA WEB Mais.** Veja a cobertura completa do Oscarestadao.com.br/e/oscar2015**Especial.** Fique por dentro das últimas informações do prêmio estadao.com.br/e/especialoscar